

# Como uma experiência relacional singular ocorrida no quilombo de Conceição das Crioulas permite encontrar sentido nas vidas de cada um

JOSÉ CARLOS DE PAIVA<sup>1</sup>

(...) o que toda a experiência de uma outra cultura nos oferece é a ocasião para se fazer uma experiência sobre a nossa própria cultura ... (CASTRO, 2009, p. 20).

## 1. encantamento

Entrar na Comunidade de Conceição das Crioulas provoca um estado de magia e de encantamento. Desfrutar a hospitalidade crioula, dormir nas suas casas, estar junto,

<sup>1</sup> Investigador — I2ADS/FBAUP — Professor Jubilado, jpaiva@fba.up.pt

na banalidade do dia-a-dia, torna-se um privilégio singular e, cada vez, de uma intensidade crescente. Os momentos vividos e as discussões geradas no II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, como foi permitido a um alargado grupo de estudantes, professor@s e investigador@s deslocados de suas universidades, constituíram-se como um irrepetível espaço de aprendizagem e de energia. Esse estado emocional transbordante, no entanto, esmorece a apreensão da complexidade do que se passa, dos problemas que a comunidade enfrenta a partir de si e perante o contexto político adverso que enfrenta, da consistência política e resiliência das suas lutas, das singularidades de cada guerrilheira crioula e cada um dos seus, como da poesia que se espalha pelo ar cheiroso do sertão.

De mim, mesmo frequentando assiduamente a comunidade, desde 2003, numa procura de colaboração cúmplice com seus interesses e as suas estratégias de luta, na proximidade que a intimidade relacional me é permitida, sei a incompletude da minha percepção do que se passa. Sei que as construções epistemológicas e ontológicas que me construíram, que dominam o meu corpo, são de uma natureza particular e convencida, e se constituem, inevitavelmente, como um obstáculo à pretensão de apreender a riqueza, a singularidade, o entranhamento que a história de luta e sofrimento particular desta comunidade provocou em cada mulher guerreira, em cada companheiro de luta,

em cada jovem esperançoso de um outro futuro, na comunidade.

A incompletude de atender ao que se me oferece, atíça a crescente consciência dessa incapacidade, adquirida gradualmente ao longo da minha caminhada de acção/investigação. E é este percurso de insatisfação que me permite entender que o que vou fazer junto, regularmente, nesta comunidade, não é um acto de dádiva, mas, pela riqueza do tempo lá passado, é sim um tempo partilhado de aprendizagem de mim. Fui percebendo que o meu esforço de compreender a comunidade e ombrear nas suas caminhadas tinham um efeito profundo e transformador em mim mesmo. Para além de avivar e esclarecer a justeza da minha militância contra as discriminações que o neoliberalismo espalha por todo o lado, permite adentrar no concreto dos resultados ocultos que o racismo branco, patriarcal e colonialista provocaram e se replicam com outras roupagens. Os tempos de cumplicidade em Conceição das Crioulas acentuarem em mim a desconstrução dos valores hegemónicos que me incorporam, avivando o meu esforço descolonial para compreender o que enquanto homem, branco e europeu, permaneço nos conceitos, ideias e práticas construídas em mim, que pretendo combater e que se foram naturalizando em mim. Nestas vivências partilhadas são imensas as possibilidades que se me oferecem, que fortalecem o modo como torno a minha vida, política, de professor e investigador, operando na Europa fracassada e iludida sobre si, teimando em querer encontrar

as possibilidades de desobediência radical ao instituído e naturalizado, resistindo perante a sedução burguesa que a todos atrai, e que pretende transformar, cada um, num “obediente inconsciente”.

(...) El neoliberalismo es un dispositivo de poder que busca la dominación manipulando y reforzando la obediencia inconsciente, opera activamente para el sometimiento y la dependencia, consiguiendo la complicidad de una subjetividad colonizada que actúa cumpliendo con los mandatos y en contra de los propios intereses. (MERLIN, 2019, p. 32).

## 2. esforço

Neste texto pretendo tornar claro como, nas deslocações para a comunidade, fui entendendo o esforço para me suspender de mim, da autoridade que me incorpora, para melhor poder pensar sobre o que o espelho onde me reconheço permite revelar, e enfrentar as minhas fragilidades e a inconsistência do que sou. Como, a partir da minha capacidade de olhar de bem-perfeito o modo como aquela população lutadora enfrenta os dilemas de suas vidas e do seu território, no seu modo crioulo e feminino de encarar os conflitos e as contradições constantes que se lhe deparam, me constroem. Procuo não apenas entender o que vejo, mas, e essencialmente, tentar perceber o modo como este meu corpo cansado, masculino, branco e português é entendido pela comunidade. Medir a atenção que presto, a dimensão e o sentido profundo do que escuto, o corpóreo do afago dos abra-

ços trocados, o ruído do oculto que na sua história de sofrimento e luta faz ecoar nos silêncios espalhados pela brisa do Sertão.

A crescente procura de entendimentos descoloniais, principalmente nos meios acadêmicos e nos coletivos de ativismo político, ainda não assumiu a crítica radical sobre os dispositivos que lhes construiu uma postura sobranceira que não reconhece verdadeiramente a dimensão dos fracassos dos sistemas políticos ocidentais, presentes pela naturalização de uma discriminação crescente, de uma pobreza galopante e da exclusão do comum e no apagamento de milhares de rostos-com-nome. Falta o exercício de um esforço radical, que atente como a consciência é ténue e filtrada sobre o sistema político que nos aprisiona, que atenua os propósitos hegemônicos que estimulam a ganância, protegem as riquezas insaciáveis, o enriquecimento fraudulento e especulativo. Ainda não se tornou claro que o modelo de ‘desenvolvimento’ oferecido, simulacro de felicidade e de desejos insaciáveis de ‘progresso’ e ascensão social, estimulados por potentes dispositivos de sedução e embrutecimento, apenas geraram este tempo de desequilíbrio na natureza, caminho de abismo inevitável se não se arrear caminho para a inclusão antagônica de modos de vida alternativos e ancestrais que o conceito de ‘buen vivir’ agrega e se nos oferece.

Para falar de Bem Viver, é preciso recorrer às experiências, às visões e às propostas de povos que, dentro e fora do mundo andino e ama-

zônico, empenharam-se em viver harmoniosamente com a Natureza, e que são donos de uma história longa e profunda, ainda bastante desconhecida e, inclusivamente, marginalizada. (ACOSTA, 2016, pp. 19–20).

### 3. ser-crioulo

Esta comunidade quilombola gerada por reacção à escravidão e com uma história de resistência negra contra as discriminações, pela dignidade da sua identidade, unida pela restituição e posse da terra e na construção do seu território, tornou-se foco de atenções diversas e referência dos movimentos sociais, e nessa dimensão se apresenta, confrontando-se com outras vozes e olhares construídos em processos singulares e diferenciados. A realização do II Encontro disso é prova. A coragem que esta comunidade assume nos permite estar-perto das suas forças e das suas fragilidades, indicia uma serenidade sábia, com a qual percebe que a construção social comunitária e dos sujeitos envolvidos não se confina à construção das suas próprias representações, mas se materializa no seu modo-crioulo de enfrentar os problemas e narrativas que lhe são externas. E assim edifica as suas subjectividades.

... a educação escolar quilombola é a educação viva, que nasce do saber do próprio povo para devolver a esse povo o que lhe foi negado e, por isso, valoriza, reconhece, fortalece, identifica, partilha, qualifica os saberes e os conhecimentos locais, sem com isso abandonar os conhecimentos universais. (SILVA, 2016, p. 192).

O modo de ser-crioulo é a sua identidade, presente na educação diferenciada e no saber-fazer-crioulo, no enfrentamento das tensões existentes no interior da comunidade, pelo valor primordial do comum. Reconheço, assim, neste quilombo a sua exemplaridade e lugar de aprendizagem. Não por considerar a comunidade como ‘o exemplo’, mas, apenas e só, porque naquela terra árida e seca, não se vira a cara aos problemas, que são demais, não se negam as fragilidades que são imensas, as adversidades que são permanentes, não se evita a confrontação com os poderes políticos locais e nacionais que só atrapalham e perseguem. No modo de ser-crioulo, sabendo que o tempo é usado de modo próprio, respirando, vão-se construindo as decisões coletivas, tecendo a vida-de-luta, encontrando os caminhos no envolvimento da população, enfrentando a discussão no uso de uma democracia que se fortalece no respeito pela diferença e na sua escuta.

... é conveniente reconhecer o mundo social como o lugar de uma luta permanente para definir a própria ‘realidade’. (NOGUEIRA, 2017, p. 119).

Foi assim o II Encontro, tempo da comunidade se apresentar, perante si própria. Na nudez da sua voz se escutaram os seus saberes, naturalmente múltiplos e diferenciados, se puderam ver as suas artes e seus sabores, fixar de frente os olhares, os rostos e os corpos de tod@s. Nada foi omitido nas discussões, nas apresenta-

ções, sendo as tensões existentes mostradas, sendo dada vitalidade às discussões, com a participação d@s estudantes, d@s jovens, d@s professor@s, d@s oficineiras, de tod@s.

Aos participantes chegados “de-fora”, conhecidos já e ainda não-conhecidos, todos misturados, no privilégio de habitar as suas casas, foi oferecida essa intimidade e sobre ela se poderem tecer os comentários considerados por cada um@, partilhar as discussões, officinar-junto.

A abertura que a comunidade ofereceu, apresentando-se na sua verdade crua e ao-vivo, permitiu ‘conhecer’ o quilombo, mas deveria, principalmente, provocar a cada um o desafio descolonial, para que cada um, em si, pudesse entender a dimensão do que transporta de ‘verdades-construídas’ pelo aparato hegemônico dos saberes oficiais, enraizados num passado fático, branco e racista, que se projecta no presente necrófilo do neoliberalismo, também ele fático, branco e racista. O II Encontro permite, defendendo eu, um olhar para o que cada um transporta das heranças coloniais e como reproduzimos relações classistas e professorais, tornando nossas opiniões em sapiência, não escutando o que os desígnios estabelecidos e o saber-crioulo melhor e mais genuinamente sabe determinar. Aprendizagens se nos ofereceram.

No II Encontro tornou-se evidente, para quem quiser entender, que os propósitos solidários que se transportaram pelos que para o quilombo se deslocaram, estão muitas vezes desfigurados e carrega-

dos de uma autoridade colonizadora que em nada implicam uma prática de cumplicidade com os desígnios crioulos. A cumplicidade, não anula a discussão com outros modos de pensar, mas reside no respeito pelos modos-crioulos de determinar os seus caminhos, pela escuta das suas sabedoras vozes.

... enfrentar um sistema educacional, excludente e racista é bastante desafiador. Passar por um processo de autoaceitação da sua história quando esta é marcada por estereótipos negativos, é muito difícil e doloroso. Por não ser uma tarefa simples, requer muita reflexão e reconhecimento não so da sua história, seu passado histórico, mas também, de compreender sua posição como pertencente a um grupo que foi estigmatizado e excluído, e que teve sua cultura inferiorizada desde sempre. (NASCIMENTO, 2017, p. 113).

#### 4. gratidão

... a tantos nomes-corpos crioulos que me são próximos, por tantas casas frequentadas no quilombo, por muitas salas-de-aula frequentadas, de tanta partilha de ideias-utopias, pelas horas de partilha-oficinal, por tanta vida e esperança. CONFIANÇA adquirida nas possibilidades de um amanhã melhor, construído pelas lutas, aqui e ali, por todo o lado, pelo COMUM.

O acolhimento que me é sempre oferecido, inunda-me desse sentimento de gra-

tidão, onde o quilombo, este em Conceição das Crioulas, se entranha em minha vida e adquire força de “acontecimento singular”, que perturba as minhas certezas, enfraquece meu poder de homem, branco e europeu e me oferece “experiências significativas” que me permitem ser melhor, como um-nós.

#### Referências

- ACOSTA, A. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- CASTRO, E. V. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2009.
- MERLIN, N. *Mentir y Colonizar: Obediencia inconsciente y subjetividad neoliberal*. Buenos Aires: Letra Viva, 2019.
- NASCIMENTO, M. J. Do. *Por uma Pedagogia Crioula: Memória, Identidade e Resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE*. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31319/1/2017\\_\\_MárciaJucilenedoNascimento.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31319/1/2017__MárciaJucilenedoNascimento.pdf)>.
- NOGUEIRA, M. *Gerais a dentro a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais*. Brasília: Mil Folhas, 2017.
- SILVA, G. M. Da. *Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas*. Curitiba: Appris editora, 2016.

